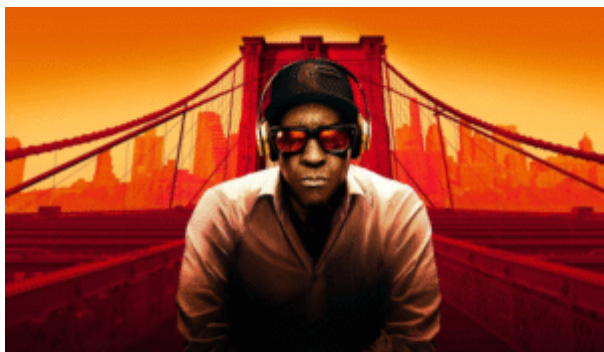


Luta de classes



Por **JOÃO LANARI BO***

Comentário sobre o novo filme de Spike Lee

1.

"A Spike Lee Joint" é a designação utilizada para os filmes dirigidos pelo realizador **Spike Lee**, que se tornou sua assinatura de marca, aparecendo frequentemente nos créditos finais – uma tradução aproximada de *joint* seria "armação". **Luta de classes**, finalizado em 2025, é a nova armação desse prolífico e inquieto diretor, que, aos 68 anos, depois de [Infiltrado na Klan](#) (2018), uma caudalosa produção de clips musicais, propaganda, documentários, além de longas mais ou menos bem recebidos, mas sempre provocativos – dada sua peculiar e instigante leitura do universo cultural e racial norte-americano – reaparece com um projeto conservador, se é que cabe o uso dessa palavra carregada de significados.

Conservador, mas nem por isso menos provocativo e inovador: conservador revolucionário seria uma aceção plausível para o filme. "Além disso, eu não odeio rap. Eu amo rap. Olha... se eu odeio rap, o que são as duas músicas do A\$AP Rocky incluídas no filme, sabe? E o A\$AP adora jazz" – foi sua resposta quando indagado sobre a razão de crucificar o aspirante rapper Yung Felon, encarnado por A\$AP Rocky, diante da negação do experiente e *mogul* musical David King (Denzel Washington) em aderir ao oportunismo comercial do jovem (e sequestrador).

O *spoiler* aqui é quase inevitável, a sequência do diálogo entre os dois – intergeracional e intercultural – fecha a trama e sintetiza a proposta: para King, o *rap* parece desprovido de alma, a despeito dos seguidores compulsivos. É na música negra baseada no jazz e no gospel que King, ao final da jornada de *Luta de classes*, reencontra autenticidade e legitimidade.

Se Spike **Lee** foi admoestado por essa visão crítica do *rap*, comprovou mais uma vez que sua linguagem continua cutucando valores consolidados do establishment cultural negro nos EUA. No ambiente carregado de tensões raciais em que navega, não é pouca coisa, é na verdade uma empreitada cheia de riscos. É nesse sentido que Spike Lee é um cineasta eminentemente político, imerso no mundo do entretenimento, mas sempre agudo nas suas proposições.

2.

Luta de classes foi inspirado no clássico de Akira Kurosawa, *Céu e inferno*, de 1963, cuja sinopse é a seguinte: executivo de empresa de calçados torna-se vítima de extorsão quando o filho de seu motorista é sequestrado e retido para resgate. A versão moderna guardou o traço básico do original, a luta de classes subjacente ao drama, mas situou-o no contexto contemporâneo da indústria musical dos EUA – ou seja, como a música é criada e disseminada, fluindo (em ambas as direções) entre os escalões mais altos e mais baixos da sociedade.

O filme do realizador japonês, por sua vez, foi tirado do livro *King's Ransom* (1959), do escritor americano Ed McBain.

a terra é redonda

Spike Lee recebeu o roteiro original antes da pandemia de COVID-19 e se envolveu na reescrita depois que Denzel Washington telefonou e disse: “*Spike, é o D. Olha, eu tenho esse roteiro. Vou te enviar pela FedEx. Leia*”. Foi uma ligação de 45 segundos, suficiente para fechar a produção.

Este é o quinto filme da *joint* Denzel-Spike. A história começa com vistas arrebatadoras de Manhattan e da sacada do apartamento de David King, na orla do Brooklyn, com um panorama espetacular da famigerada ilha. Conhecido por ter “os melhores ouvidos do ramo” – que ele mesmo faz questão de reiterar – o *mogul* esteve por trás de cinquenta vencedores do Grammy e incontáveis sucessos nas paradas musicais. Executivo da música, discute seu plano para retomar o controle da *Stackin’ Hits*, a gravadora que fundou.

O negócio desandou: cinco anos atrás, King vendeu parte das ações e o business está prestes a passar para as mãos de uma holding, com o risco de dispersar o valioso acervo da gravadora. É quando recebe a notícia do sequestro do filho, desmentida logo em seguida: quem foi sequestrado é filho do seu motorista e companheiro de décadas, Paul (Jeffrey Wright).

Luta de classes traz também Spike Lee em seus melhores momentos de cinema de ação – as cenas da perseguição no metrô, o famoso o trem 4 do Brooklyn para o Bronx, são de tirar o fôlego (sem perder o humor). Simultâneo à perseguição, destaque também para as festividades do Dia do Porto Rico, onde o grande pianista da *salsa music*, Eddie Palmieri, se apresentava.

E traz, sobretudo, Denzel Washington em uma atuação impagável, cheia de improvisações, de pequenos gestos e expressões inéditos: a *joint* funcionou.

***João Lanari Bo** é professor de cinema da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Autor, entre outros livros, de *Cinema para russos, cinema para soviéticos (Bazar do Tempo)* [<https://amzn.to/45rHa9F>]

Referência

Luta de classes (Highest 2 Lowest)

EUA, 2025, 133 minutos.

Direção: Spike Lee.

Roteiro: Spike Lee e Alan Fox.

Elenco: Denzel Washington, Jeffrey Wright, Ilfenesh Hadera e ASAP Rocky.

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)